

# O ARQUÉTIPO DA RAINHA E AS INTERFACES DO FEMININO

Marieta J. Ferraz Ferreira<sup>1</sup>

## RESUMO

De forma breve, pretendemos trazer no presente artigo algumas indagações sobre o corpo feminino que se transforma, com a chegada do climatério/menopausa e como acontece ou não esse processo de amadurecimento emocional da mulher, que pode fazer toda diferença na forma de como ela se vê no mundo. Junto a isso, reconhecer nos mitos das deusas escuras, Hécate, Nanã e Cailleach, o arquétipo da Rainha, da mulher sábia, da anciã, compreendendo o que cada um desses mitos nos ensinam para atravessar essa fase e aproveitá-la da melhor forma. Por último e por uma necessidade individual, pensar na criação de um ritual de passagem para mulheres que estão nessa fase da vida, na busca da ressignificação de seu lugar na sociedade, entendendo que o processo é sempre individual, porém, é no coletivo que nos fortalecemos e a partir das referências utilizadas nesse artigo e acrescentar mais alguns elementos para o ritual, como a dança e o canto com o tambor.

**Palavras-chave:** arquétipo da rainha, corpo, menopausa, ritual de passagem.

## ABSTRACT

Briefly, we intend to bring in this article some questions about the female body that changes with the arrival of the climacteric/menopause and how this process of emotional maturation of the woman happens or not, which can make all the difference in the way she feels. see in the world. Along with this, recognizing in the myths of the dark goddesses, Hecate, Nanã and Cailleach, the archetype of the Queen, the wise woman, the old woman, understanding what each of these myths teach us to go through this phase and make the best use of it. Finally, and due to an individual need, think about creating a rite of passage for women who are in this phase of life, in the search for a new meaning of their place in society, understanding that the process is always individual, however, it is in the collective that we We strengthened and based on the references used in this article and added a few more elements to the ritual, such as dancing and singing with the drum.

**Keywords:** queen archetype, body, menopause, rite of passage.

*O que é mais provável é que no portal do paraíso queiram saber com que intensidade escolhemos viver; não por quantas “ninharias de grande importância” nos deixamos dominar.*

Clarisse Pinkola

## 1. A MULHER E A MENOPAUSA

A palavra menopausa é composta pela junção de dois termos gregos: *mem*, traduzido como “mês” ou “lua”, que é a contagem lunar

que determina o período de um mês, e a palavra *pausis*, que quer dizer cessação ou término, portanto, menopausa é o término da lua ou fim do ciclo da lua. Antecedendo a menopausa tem-

<sup>1</sup> Licenciatura Plena em Educação Física – UNIFOA, Pós-Graduada em Educação Física Escolar – UFMT, pós-graduada em Educação Nutricional, Saúde e Qualidade de vida – FACISA, mestranda em Artes da Cena – UFG (marieta-ferreira@uol.com.br)

se o climatério, nome científico dado ao à transição fisiológica entre período reprodutivo e não reprodutivo da mulher.

Na antiguidade a expectativa de vida dos seres humanos era muito pequena, a maioria das mulheres não chegavam a menopausa porque morriam antes de entrar nessa fase de vida, porém, na bíblia há algumas referências sobre o assunto e segundo (ANARTE, 1994; MUTANÉ, 1994), nos papiros egípcios encontra-se uma classificação que indica que “mulheres vermelhas” são as que menstruam e “mulheres brancas” aquelas que não mais menstruam, porém, o conhecimento sobre o tema se baseava no fim da menstruação apenas e na idade que acontecia a última menstruação, por volta dos cinquenta anos. Os estudos científicos avançaram a medida que a expectativa de vida da humanidade foi aumentando, porém, ainda hoje o assunto é tratado pela medicina como doença, onde ocorre déficit hormonal e o fim da procriação, trazendo apenas uma conotação negativa sobre o tema.

Por outro lado, a menopausa é ou deveria ser a fase mais bela da vida de uma mulher. Vivenciar a menopausa é passar por um portal e perceber o corpo, a vida, as emoções e ações de uma forma diferenciada. É o corpo se abrindo para uma percepção mais profunda de si mesmo e dos altos e baixos que atravessam o viver. É ancorar toda sabedoria dos ciclos vivenciados que são integrados nessa fase, redescobrimo

esse novo corpo que comporta toda sua experiência. Os pensamentos, a intuição, a cobrança social, a profissão, os filhos, a vida sexual, o corpo e os desejos. As mulheres são tomadas por tantas coisas durante toda a vida que liga o piloto automático e se deixa levar por torrente que por vezes as afoga.

Não raro, esquece de olhar para dentro e apesar de ser também a soma de tudo isso que a forma é preciso em algum momento se recolher e se reconhecer. De alguma forma, e principalmente pelas demandas da vida moderna, são afastadas de sua essência, da sua verdadeira natureza e da espiritualidade feminina. É preciso retornar a ela, despertar essa memória ancestral se desejar ir ao encontro de seu verdadeiro eu.

A espiritualidade feminina é um retorno do ser humano para a Deusa, o princípio criador feminino; é o crescente reconhecimento da Terra e da mulher como partes Dela, imbuídas da Sua sacralidade. A Deusa é representada em todo ato de criação, da Natureza ou da vida feminina, na eterna roda de nascimento, crescimento, florescimento, amadurecimento, declínio, morte e renascimento, na dança mutável das estações, nas fases da Lua, na trajetória anual do Sol. Seus ciclos são vividos pela mulher ao longo da sua vida, nas alegrias da infância, no despertar sexual da adolescência, no ato de dar à luz e amamentar, no recolhimento sábio da menopausa (FAUR, 2011. p. 19-20).

O despertar pode coincidir com o final da menstruação e chegada da menopausa, mas pode não acontecer ou até ser negligenciado pela mulher que não permite reconhecer-se nesse processo, pois isso implica conhecimento,

vivência e experiência de cada um no seu caminhar pela vida. Viver de acordo com esse arquétipo é aproximar-se do fim do processo de autoconhecimento, um amadurecimento psíquico. Nas palavras de Bolen:

Despertar para a mitologia significa estar desperto para a realidade da vida. Atender ao chamado de cada deusa (de nós mesmos) e dos diferentes relacionamentos que ecoam em nós, descobrir-lhes o sentido e o significado em nosso cotidiano, é o caminho para resgatar nossa alma (BOLEN, 1990, p. 7).

Essa busca interna pode gerar muitos conflitos, de um lado, o chamado da alma e do outro as influências externas de uma sociedade que exalta o corpo jovem e despreza o corpo envelhecido.

A mulher que está à procura de sua essência, mas ainda não sabe bem por onde começar se vê em dois patamares, de um lado influenciada intimamente por arquétipos divinos, e exteriormente por estereótipos culturais. Uma vez que a mulher se torne consciente das forças que a influenciam, ela obtém o poder que o conhecimento proporciona. As "deusas" são forças poderosas e invisíveis que modelam o comportamento e influenciam as emoções (ibid. p. 24).

De acordo com Faur (2011), para mudar velhos paradigmas é preciso vivenciar rituais que ampliem a consciência e reconectar-se com os arquétipos e símbolos da Deusa, esses rituais podem ser feitos por uma ou muitas mulheres. A “celebração da menopausa” reverencia a descida da mulher para a escuridão, fazendo-a reemergir renovada, mais poderosa e mais sábia.

A menopausa é uma mudança dramática na expressão física e na percepção mental e emocional da feminilidade. Conhecida como “A grande Mudança”, a menopausa pode se tornar uma fase positiva de crescimento espiritual e enriquecimento interior, pensando os problemas físicos e os conflitos emocionais [...] Por guardar seu sangue e não mais vertê-lo, ela não mais é sujeita às alterações hormonais e influências ambientais, podendo permanecer de forma equilibrada entre o rico potencial de seu mundo interior e a capacidade de manifestá-lo criativamente. Tendo essa vantagem da percepção constante dos dois mundos, essa mulher é sábia, sacerdotisa, xamã e profetiza em potencial (FAUR, 2011. p. 399).

Para Faur (2011), o acesso à dimensão oculta do mundo que a mulher que menstrua tem somente no ciclo menstrual, na mulher sábia, é constante e esse potencial que hoje passa despercebido era largamente reconhecido pelas antigas culturas que as consideravam guardiãs das tradições da comunidade.

Nos dias atuais, a mulher é desvalorizada pela sociedade à medida que envelhece, porque perde a beleza da donzela e a capacidade de gerar filhos da mulher. Esse pode ser um dos fatores que fazem com que muitas estejam sempre em busca da juventude perdida, não aceitando sua condição, pois, querem continuar a serem valorizadas. Cabe à mulher, aceitar e habitar o próprio corpo, se reorganizar e se perceber como verdadeiramente é. A mulher verdadeiramente sábia percebe que não é preciso acumular coisas, pessoas e objetos, divide com muita generosidade conhecimento com outras pessoas, tentando fazer o melhor para quem está

chegando, porque ela já viu e passou por tudo, conseguiu atingir um ponto de equilíbrio que a permite permanecer serena em meio à confusão e desordem. Ela é a Rainha do submundo e guardiã dos segredos que só a idade pode proporcionar.

## 2. O ARQUÉTIPO DA RAINHA E AS DEUSAS ESCURAS

Nas palavras de Paunova (2020), o arquétipo da Rainha revela a mulher comunicativa, sábia, madura e intuitiva, que valoriza o seu ser e segue sua missão. Essa mulher inclui a sabedoria dos outros três arquétipos: a donzela, a dona do lar e a amante. Ela tem a visão que vem de sua sabedoria. É o arquétipo que corresponde ao sexto chacra, terceiro olho. É autossuficiente, não tem dependência emocional, valoriza seu ser, sabe o que quer ser e aonde quer chegar, já ganhou a clareza do seu ser, segue seu propósito e sua ambição, é a grande inspiradora dos homens, porque ela tem a visão, não apenas para prever as coisas, mas uma visão profunda que vem desde o coração.

Os atributos paradoxais do que é grande são principalmente ser sábia e ao mesmo tempo estar sempre à procura de novos conhecimentos; ser cheia de espontaneidade e confiável; ser loucamente criativa e obstinada; ser ousada e precavida; abrigar o tradicional e ser verdadeiramente original [...] Quando uma pessoa vive de verdade, todos os outros também vivem. Esse é o principal imperativo da mulher sábia. Viver para que outros também se inspirem. Viver do nosso próprio jeito vibrante para que

outros aprendam conosco” (PINKOLA, 2007, p. 5-9).

Ainda nos diz Pinkola (2007, p. 6), “falar da imagem profunda da grande avó como um dos principais aspectos do arquétipo da mulher sábia não é falar de alguma idade cronológica ou de algum estágio na vida das mulheres”. Nesse sentido, a mulher sábia já habita a mulher em todas as suas fases de vida, mas pode também nunca ser realmente vivenciada.

### 2.1 HÉCATE, A DEUSA DAS TRÊS FACES

Para Nogueira (2017), Hécate, filha de Astéria e Perses é uma deusa da mitologia grega, da magia, das encruzilhadas e da noite, deusa das três faces: menina, mulher e anciã. Outro aspecto importante de Hécate, é que ela é uma deusa ctônica, ou seja, habita o mundo inferior. É o arquétipo mais incompreendido da mitologia grega, talvez por não ter seu mito próprio, estando muito ligada ao mito de Perséfone, raptada por Hades, procurada incansavelmente pela mãe, Deméter e que recebe a ajuda de Hécate nessa busca e “é com Hécate que Perséfone aprende sobre as forças infernais, sobre seu próprio inconsciente, isto é, sua energia psíquica e os próprios desejos” (NOGUEIRA, 2017, p. 38).

Ela é uma deusa tríplice lunar, vinculada ao aspecto sombrio da lua, o lado inconsciente do feminino. Seu domínio se dá em três dimensões: no Céu, na Terra, no Submundo, portanto, é uma Deusa lunar e sua presença pode

ser sentida nas três fases da lua. A lua Nova pressupõe a face oculta de Hécate: a lua Cheia vai sendo aos poucos sombreada pelo seu lado escuro, revelando o aspecto negativo da Mãe e a Lua minguante revela seu aspecto luminoso, pois, é preciso morrer para renascer.

Hécate como anciã e Deusa da Lua escura compreende o poder do silêncio. Muitas viagens espirituais incluem períodos de meditação e silêncio, sendo essencial a prática desse silêncio em rituais, pois só o silêncio abre portas para a consciência universal. Hécate nos revela os caminhos mais escondidos e secretos do inconsciente, os sonhos guardados, o lado dos desejos mais ocultos.

Paunova (2020), diz que, entramos em Hécate pelo silêncio, um recolhimento intuitivo que vai indicar o caminho. Hécate vem da Ásia Menor a.C, deusa do Submundo, é parteira da vida, do nascimento de outros aspectos do ser. Ela nos pede para deixar para trás o que não faz mais sentido e nos ajuda a encontrar um novo caminho através de novos começos, apesar da confusão das ideias, da flutuação dos nossos humores e às incertezas quando enfrentamos as inevitáveis mudanças de vida. Ao reconhecermos e integrarmos sua presença em nós, ela irá nos guiar, porém, devemos sacrificar ou deixar morrer o velho, encarar e superar medos e limitações. Somente assim poderemos flutuar sobre as escuras e revoltas águas dos

nossos conflitos e lembranças dolorosas e emergir para o novo.

## 2.2 NANÃ BURUKU, A SENHORA DA LAMA

Nanã Buruku, senhora da lama é uma deusa que foi incorporada na tradição iorubá, a mais velhas das iabás. Segundo Nogueira (2017), Nanã emergiu sábia e já existia desde os tempos primevos, vivenciou toda magia e concepção do universo. Em um de seus mitos, Nanã oferece o barro como matéria prima para modelar o homem na criação do mundo, no entanto, Nanã não deu a matéria para o corpo dos humanos, só a emprestou por tempo determinado; sempre chega um dia em que a quer de volta. Então todos, mulheres e homens, um dia morrem, pois seus corpos têm de retornar à terra, à natureza de Nanã Buruku.

Nanã é a guardiã da porta que divide a terra dos mortais e o mundo dos ancestrais e somente ela tem o poder de decidir quem pode ou não atravessá-la. Sua sabedoria está ligada à morte, mas também à vida, ao nascimento, renascimento e fecundidade. É a morte na essência da vida. Conhecer a própria vida e o próprio destino é conhecer Nanã e é esse o seu ensinamento, mostrar que podemos tomar as rédeas de nossa vida e que na quietude podemos acessar o véu entre o mundo físico e etéreo.

## 2.3 CAILLEACH, A RAINHA DO INVERNO

Cailleach é uma deusa ancestral celta, possivelmente sua origem é anterior à chegada dos indo-europeus nas ilhas. Na Escócia a chamam de Beira, Rainha do Inverno, representada como uma deusa gigante que veste um manto cinza e que salta de uma montanha a outra, provocando tempestades e granizo. “Muitas lendas e mitos são encontrados sobre esta deusa no folclore e na tradição oral. Uma delas conta que ela foi responsável pelo surgimento de várias montanhas e lagos na Irlanda, estando presente, portanto, desde a formação da Terra” (Cavalcante, 2020, p. 12). Em um de seus mitos:

Cailleach percorre a terra espalhando frio e gelo durante o inverno. Depois de muito andar, fica extremamente cansada, tão cansada e velha, que se recolhe às Ilhas Abençoadas do Oeste. Lá, encontra uma fonte mágica que guarda a água com o poder de rejuvenescer. Cailleach então bebe a água e torna-se bela e jovem novamente, passando a se chamar Bríde, palavra que tem a mesma raiz de “bride” no inglês e significa noiva. Revigorada, a deusa retorna a terra e reina como a Rainha da Primavera, casa-se com o deus-sol e desperta a natureza depois do longo inverno. Cailleach representa a força da noite, da escuridão e do inverno, que apesar de tudo, guarda a semente da primavera, tal como Bríde é mantida no castelo de gelo (CAVALCANTE, 2020, p.13).

Ainda segundo Cavalcante (2020), ao mesmo tempo em que Cailleach é a Rainha do Inverno ela também traz a promessa da primavera, é o arquétipo da mulher sábia, expressa o término dos ciclos e a sabedoria antiga que sempre se renova. Com isso, nos

ensina a ser pacientes diante dos ciclos da vida, compreendendo que há tempo para nascer, viver, morrer e renascer.

As três deusas, apesar de cada uma com suas especificidades, nos levam a pensar sobre os ciclos da vida e sua renovação, nos diz que é preciso primeiro ir ao fundo, do submundo, da lama, do inverno para só depois emergir com mais sabedoria e clareza. A mulher que entra na menopausa tem a oportunidade de vivenciar esse arquétipo com mais clareza por passar por transformações de morte e vida em vários aspectos da vida, é a oportunidade de se reinventar e se conectar com a intuição que lhe é inerente. “À medida que uma mulher cresce a céu aberto na realidade consensual, ela também ordena a expansão do seu sistema radicular para que sua visão profunda, a audição mais cuidadosa e a mente mais perspicaz também se expandam” (Pinkola, 2007, p. 30). A mulher é capaz de trazer consigo toda sua ancestralidade feminina que oportuniza o contato com o arquétipo da anciã.

### **3. O RITUAL DA ANCIÃ E DO ÚLTIMO SANGUE**

O acesso e conexão com o mundo subterrâneo é regido pelas divindades em forma de serpente e as deusas escuras são reverenciadas nos rituais de cura e transmutação, sendo a lua negra, três dias que antecedem à lua nova, a mais propícia para esse tipo de ritual. A

celebração do último sangue, que segundo Faur (2001), pode ser feito no início ou fim da menopausa, ou no retorno de Saturno no mapa natal, por volta dos 58 anos, é uma oportunidade de entender essas transformações e reconhecer o poder adquirido pela mulher.

A “celebração da menopausa” reconhece a transição entre a antiga percepção cíclica e o intercâmbio permanente com o mundo interior. Reverencia-se a descida da mulher para a escuridão e sua emergência renovada, mais sábia e mais poderosa. O ritual – por mais simples que seja- vai ajudar no início da nova vida, reconhecendo seu poder, seu ingresso na Irmandade das Mulheres Sábias e sua conexão com a Anciã. Combate-se, assim, os estereótipos sócio-culturais negativos, removendo-se os efeitos da supremacia patriarcal e da solidão afetiva (FAUR, 2001, p. 400).

Faur, (2001) sugere que a mulher crie seu próprio ritual, acompanhada da família e/ou amigas e que utilize alguns elementos como: cores branca, vermelha e preta, que representa a donzela, a mulher e a anciã, banhos de purificação, oração, incenso de cipreste, sálvia, sândalo ou cedro, flores de crisântemo ou rosas e folhagens secas. A sugestão aqui é que seja feito um único ritual, da celebração do sangue e o ritual para a anciã, visto que muitos elementos dos dois rituais se repetem e de alguma forma estão conectados com o arquétipo da Rainha, a mulher sábia. Acrescento ao ritual a dança, que

segundo Noguera (2017), juntamente com a pintura, o artesanato, o ofício do tear e da terra e a escrita é poesia necessária para explicar a força vital da mulher.

O ritual da Anciã e do último sangue poderá ser realizado para um grupo de mulheres com a mesma intenção de passar por esse rito de passagem e se conectar com o arquétipo da Rainha, imergindo em sua escuridão e emergindo para a luz, para sua sabedoria. A preparação para o ritual é muito importante: antecedendo o encontro, sugerir para as mulheres tomarem um banho demorado, de preferência com ervas para purificação e se vestirem com roupa escura, de preferência preta, podendo usar também um xale preto. No centro da roda, velas brancas, vermelhas e pretas, incenso de cipreste, sálvia ou cedro, rosas, folhas secas, caldeirão ou vaso de cerâmica, alguma imagem representando a Deusa Anciã, sal grosso, runas e tarô para orientação.

Iniciar com a construção de uma coroa de flores, para que sejam coroadas como rainhas. Após a coroação dançar um repertório de dez músicas, especificamente de Danças Circulares Sagradas<sup>2</sup>, que permitirá abrir os canais sutis da alma no silêncio ao final de cada dança. Ainda no silêncio, sentadas dentro de um círculo de sal grosso, fazer uma meditação guiada pedindo orientação para o conhecimento espiritual,

<sup>2</sup> Danças Circulares Sagradas são danças dos povos, sistematizada pelo bailarino Bernhard Wosien por volta de 1976 em Findhorn – Escócia.

sugerida no livro de Faur (2001). Cada mulher, após a meditação poderá utilizar as runas se precisar de algum auxílio extra ou escrever no papel algumas dificuldades e amarras que deseja transmutar e queimar dentro do caldeirão. Uma roda de conversa é aberta para que todas possam se quiser compartilhar as experiências vividas, podendo haver nesse momento a partilha de um chá com bolo, ou algo parecido e para finalizar o ritual, numa grande festa, cantar e tocar tambores em homenagem ao arquétipo da Anciã.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLEN, Jean Shinoda. **As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres**. Tradução Maria Lydia Remédio - revisão Ivo Storniolo - São Paulo : Paulus, 1990. -(Coleção amor e psique).

CAVALCANTE, Mayra Cristina Silva Faro . **As deusas celtas e a jornada simbólica da alma**

**feminina** – Rev Inst Junguiano São Paulo, 2020.

FAUR, Mirella. **Círculos sagrados para mulheres contemporâneas**. São Paulo Pensamento, 2011.

FAUR, Mirella. **O anuário da Grande mãe: guia prático de rituais para celebração a Deusa**. 2ª edição. São Paulo: Gaia, 2001.

NOGUERA, Renato. **Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual** .- 1. ed. –Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

PAUNOVA, Mariana. **Mestra em Filologias eslavas e italianas**. Curso sobre o Sagrado Feminino, 2020.

PINKOLA, Clarisse E. **A ciranda das mulheres sábias. Ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem**. Tradução Waldéa Barcelos. Ed. Rocco. 2007